O
Banquete do Cordeiro

04
A PAIXÃO DE
SANTO AFONSO DE LIGÓRIO
14
PESSACH E A PÁSCOA DA IGREJA
31
A DEVOÇÃO À VIA SACRA
40
RELÓGIO DA PAIXÃO
SEGUNDO AS VISÕES DA BEATA
ANNA CATARINA EMERICH

A PAIXÃO DE SANTO AFONSO DE LIGÓRIO

Santo Afonso Maria de Ligório nasceu no dia 22 de setembro de 1696 em Marianella, no Reino de Nápoles, e faleceu no mesmo reino, na cidade de Pagani, em 1 de agosto de 1787, após noventa e seis anos de peregrinação neste mundo. No tempo em que aqui passou, o santo bispo se destacou como escritor de livros espirituais, compositor, músico, artista, poeta, advogado, filósofo escolástico e te- ólogo, além de fundador da Congregação do Santíssimo Redentor, hoje em dia mais conhecida pelo nome de "Redentoristas". Cin- quenta e dois anos após sua mor- te, em 1839, foi canonizado pelo Papa Gregório XVI e, em 1871, proclamado Doutor da Igreja Doctor Zelantissimus, ou "Doutor Zelosíssimo" - pelo Papa Pio IX.

—
S

Pintura feita pelo
próprio Santo Afonso.
"OH MOMENTUM A QUO PENDET AETERNITAS!"
(0 momento do qual depende a eternidade!)
vez em

Não se sabe ao certo a data em que Santo Afonso con- cluiu o seu A Paixão e Morte de Nosso Senhor Jesus Cristo, mas somente que a obra foi publicada pela primeira 1887, cem anos após a morte do santo, e que foi escrita como uma "segunda opção": o próprio Santo Afonso expli- ca que havia prometido, em Glórias de Maria, escrever um tratado sobre o amor de Jesus Cristo, mas fora impedido por seu diretor espiritual, que, em vista das enfermidades físicas de Santo Afonso, o proibiu de realizar tão grande empreitada. O resultado é o livro que o leitor tem agora em mãos, no qual o santo resume aquilo que pretendia tratar na obra anteriormente planejada, omitindo questões quan- to à Natividade e

à Encarnação de Nosso Senhor. A obra foi escrita com o único objetivo de fazer com que cresça no coração dos leitores - aumentando a cada parágrafoo amor por nosso Deus, que se fez homem para morrer por nós. Nas páginas deste livro, o leitor encontrará passagera das Sagradas Escrituras e dos Santos Padres a respeito de Paixão e Morte de Jesus Cristo, pois, nas palavras de Santo Afonso, nesse evento encontramos os únicos motivos de nossa esperança na vida eterna e de nosso amor - as duas coisas em que consiste, em última instância, a salvação de nossas almas. Santo Afonso cita o Padre Balta- zar Alvarez (1533-1580), jesuíta e místico espanhol, que por Deus dizia ser de tal modo essencial ao cristão gravar em seu

coração a Paixão de Nosso Senhor que, se não fosse bem sucedido nisso, não poderia considerar ter alcançado êxito em obra alguma de sua vida.
Aparição de Nossa Senhora a Santo Afonso. O eximio doutor é um dos santos que mais exerceram influência sobre a devoção mariana na Igreja, ao lado de São Bernardo e de São Luís Maria Grignion de Monfort.
É importante ressaltar que este não é um tratado teológico, ainda que trate de temas próprios à teologia. É um livro de oração: enquanto avança pelas páginas, o leitor perceberá que não acompanha um intelecto decidido a sistematica- mente dissecar a Paixão, mas sim o coração apaixonado de um santo, que divide com o leitor a cada página reflexões profundas, frutos de sua própria intimidade com Nosso Senhor. Ao leitor desacostumado com obras do tipo, não recomendo cautela, mas que aborde o livro com paciência, não como uma refeição que deva ser devorada, mas como um longo banquete, que deva ser lentamente saboreado e experimentado. A oração profunda é fruto de uma vida de amor, paciência e silêncio interior; se pretendemos extrair o sumo das palavras de Santo Afonso, devemos aproximar- -nos de sua obra com noso espírito do qual nos muni- mos para rezar. Esta homem que dedicav promete grande alea reler muitas vezes estou
de contas, falando de um por dia à oração, o que nos poderemos, certamente, estantes de esgotá-las.

Opor
Tomemos, por exemplo, o primeiro capítulo da primeira por Nosso Senhor ao aceitar sacrificar-se à justiça divina parte, em que Santo Afonso trata do amor demonstrado em expiação dos nossos pecados. Santo Afonso começa com uma alegoria, na qual se refere à maior prova de amor da história: um grande e poderoso rei tinha um único filho, perfeito sob todos os aspectos, fonte de toda a consolação da vida de seu pai, que o amava da mesma forma e com a mesma intensidade que amava a si mesmo. Aconteceu, então, que o jovem princípe desenvolveu grande afeto um de seus escravos - a ponto de que, quando esse escravo cometeu um crime horrendo e foi condenado à morte, o príncipe ofereceu-se para ser condenado em seu lugar. O pai, que era justo e compreendia o amor do filho, aceitou, e o príncipe de beleza e bondade insuperáveis morreu aquela morte merecida pelo pior criminoso, a fim de que o verda- deiro malfeitor ficasse livre. Essa história, nos conta San- to Afonso, realmente ocorreu - e está contada nos Santos Evangelhos, que mostram como Jesus Cristo, o único do Pai Eterno, perfeito Deus e perfeito Homenei do Universo, decidiu por sua livre e santa vontade car-se em sacrificio, ser humilhado, cuspido, torturadoro, para que nós, pecadores, maus e criminosos, não p semos padecer as terríveis penas do inferno. E, acrescento, não só nos salvou do inferno como, conforme ensinado pela Santa Igreja, quis unir-nos a si mesmo, para que pu déssemos tornar-nos verdadeiros Filhos de Deus e, unin do-nos a Ele, receber após a morte terrena a imerecida de contemplar aquilo que só

Deus pode ver: a face do Pai. Não foi, então, por uma decisão burocrática de absolvição que Jesus escolheu morrer em nosso lugar: foi por amor, por aquele tipo de amor que inspira os mais ter- recompensa nos desejos de intimidade e união; foi com esse amor que fomos amados. E, como já dizia G. K. Chesterton, o amor de verdade sempre termina em sangue derramado.
IO
as-
Relíquias de Santo Afonso na Basílica Santuário de Afonso de Ligório em Pagani.
Santo Afonso, a partir dessa pequena reflexão inicial, con- duz as meditações dentro de dois planos principais: no pla- no interno, a fim de que conheçamos nossa própria misé- ria e, assim, possamos compreender o quão imerecido é o amor de Deus, o quanto lhe devemos e o quão gratos lhe devemos ser; e no plano divino, referindo seus textos ao próprio Criador, de modo que se transforme num diálo- go entre o homem, redimido e apaixonado, e o Deus que quis morrer por ele. As meditações seguem assim, e será raro aquele leitor que, lendo essas páginas com espírito de oração, não se sinta movido e tocado pelo próprio amor
de Deus.
Não nos esqueçamos: cm última instância, a prática da ora- ção não é nada mais non menos do que, por um determi- nado período de tempo, concentrar-se somente em amar a Deus. É, em outras palavras, um diálogo de amor: de um lado o homem, que busca conhecer a Deus e mover seu coração para amá-lo melhor, e do outro lado Deus, que o próprio Amor Eterno, que recebe o homem e o alimenta com seu próprio amor.
é

12
O momento dos Pregos, de Gustave Doré (1832-1883).
São Paulo da Cruz já dizia (e com razão) que "a Paixão de Cristo é a maior e mais estupenda obra do Amor Divino; o maior e mais irresistível ato do amor de Deus". Fica assim claro o motivo pelo qual um livro como este, escrito por um homem como Santo Afonso, é tão rico: é um livro es- crito por amor e a respeito do Amor. Escrito por amor, pois nasceu do zelo apostólico de um santo bispo, um homem que, depois de experimentar por si mesmo o Amor Divi- no, decide conduzir outros no caminho para conhecê-lo; a respeito do Amor, pois trata do maior ato de amor já rea- lizado na história – Deus que, livremente, morre pela vida dos homens. E não pense o leitor que, quando os santos chamam a Paixão e Morte de Jesus Cristo de "maior ato de amor", trata-se de exageros ou de arroubos de paixão zelota; algo romântico e sentimental. Justiça, dizia o Papa Emérito Bento XVI, é dar ao outro o que é seu por direito, mas amor é dar-lhe o que é meu - e, do alto do trono da Cruz, é precisamente isso que fez o Cristo: pelo preço de seu Preciosíssimo Sangue, deu-nos aquilo que, por direito, era só seu: a vida eterna.
13

PESSACH E A PÁSCOA DA IGREJA
Para compreender a origem da Páscoa é necessário mergu- lhar um pouco na história do povo hebreu. Pode-se, facil- mente, dizer que eles têm origem em Abraão, o primeiro há apenas um Deus, criador de todas as
a entender
que

coisas. Este mesmo Deus lhe ordenou pessoalmente que abandonasse sua casa e fosse para Canaá, destinada a ser a Terra de Israel. Abraão, posteriormente, gerou Isaque, que se casou com Rebeca e teve dois filhos: Jacó e Esaú. Jacó, por Deus para Israel, que depois teve o seu nome mudado herdou a primogenitura e foi pai das famílias que compuseram as doze tribos de Israel.
Após um período de grande seca e fome em Canaá, Israel e seus filhos foram buscar refúgio no Egito. Lá encontraram José, filho de Israel, que fora entregue por seus irmãos à escravidão. No entanto, José conquistou glória e poder em terra estrangeira, tornando-se governador após interpretar os sonhos do faraó. Graças ao poder e à influência de José, Israel e sua família prosperaram no Egito, sendo tratados com respeito. Eles habitaram a região de Gosén. Nesse pe- ríodo, o Egito estava sob o domínio dos hicsos, um povo de origem semita que, assim como os hebreus, eram estran- geiros naquela terra.
IS

Entretanto, o tempo passou e, após a morte de José, os egipcios reconquistaram sua terra. Com isso um novo faraó assumiu o poder. Sentindo-se ameaçado com o crescimen- to desproporcional da população dos filhos de Israel, esse faraó decidiu oprimir o povo de Deus, escravizando-o por
mais de 200 anos.
Quando Moisés se tornou adulto, Deus apareceu para ele em uma sarça ardente e lhe ordenou que libertasse os is- raelitas e os trouxesse para a terra que havia sido prometi- da a Abraão. Após um longo conflito com o faraó, e nove Deus aos egípcios, o faraó se viu sem enviadas por pragas saída. Como ultimato, Deus disse a Moisés que enviaria uma última praga, que feriria o primogênito de cada famí- lia, e os hebreus seriam, enfim, libertos da opressão. Para isso Deus pediu que os hebreus fizessem a oferenda de um cordeiro, cujo sangue deveria ser aspergido nos batentes de suas portas, para que o anjo da morte passasse direto sem tocar suas casas, ferindo apenas os egípcios. Além de o sangue nos umbrais, os hebreus deveriam comer a carne do cordeiro com suas respectivas famílias. Apressados com a saída do Egito, o texto nos mostra que não houve tempo para fermentarem os pães. Este pão ázimo se chama matzá.
passar
Sacrificio de Noé, de Daniel Maclise (1847).
A escravidão, porém, não impediu o crescimento do hebreu. Sendo assim, o faraó deu-lhes uma nova ordem: todos os filhos nascidos de uma hebreia deveriam morrer logo após o parto. Mas, como nos mostra o texto da Sa- grada Escritura, no livro de Êxodo, graças à coragem de povo uma mãe e de uma parteira, que não se renderam à malda- de, uma criança foi salva: Moisés. Sua mãe, Joquebede, o colocou num pequeno cesto que, flutuando rio Nilo, foi encontrado pela filha do faraó. Moisés então cresceu e foi educado no palácio real. nas águas do
16
Eventos da Vida de Moisés, de Sandro Botticeli.

A DATA DA PÁSCOA
Todos esses eventos deram origem, por de- terminação do próprio Deus, a uma festa deveria ser celebrada todos os anos pe- que los hebreus: Pessach, ou Páscoa. O Pessach é a festa que marca o início do calendário bíblico de Israel e delimita as datas de todas as outras festas bíblicas. Cada festa instituida por Deus tem um caráter educativo. No caso do Pessach, serve, entre tantas coisas, para que os filhos de Israel jamais se esqueçam de

que foram escravos no Egito e que o pró- prio Deus os libertou com sua mão podero- sa, trazendo juízo sobre os deuses do Egito e sobre o faraó.
Ainda que os judeus comemorem também a Páscoa - chamada de Pessach ou "Festa da Libertação" eles o fazem por motivos dis- tintos dos nossos: a festa judaica comemora a libertação dos hebreus do Egito, guiados por Moisés, enquanto a solenidade católica celebra a Ressurreição de Nosso Senhor Je- sus Cristo judeus comemoram o Pessach, 14 do mês de Nissan, e
teoricame
nos, ent
arco e 25 de abril.
O retábulo Adoração do
Cordeiro Mistico, de Jan van Eyck.

20
que nós
em um dia especifico, por que celebramos a Páscoa a cada Mas por que as datas são tão dispares? Se Jesus ressuscitou ano em um dia diferente? O que acontece é que o calen- dário judaico é o que chamamos de "lunissolar", ou seja, os meses são contados a partir do movimento da lua, e os utilizamos, chamado "gregoriano", é solar, ou seja, baseado anos, do movimento do sol, enquanto o calendário nos movimentos do sol. Isso gerou, a longo prazo, uma sé- rie de inconsistências: o Pessach judaico deveria ser sempre celebrado no dia 14 do mês de Nissan, coincidindo com uma lua cheia. Entretanto, com o passar do tempo, a rela- ção mês-fase da lua saiu de sincronia, de modo que o Pessa- ch tinha de ser frequentemente celebrado fora da lua cheia - ou seja, a data precisava ser calculada e anunciada pelos rabinos, algo como professores ou sacerdotes judaicos.
os cristãos não queriam que as datas Compreensivelmente, de nossas festividades ficassem dependentes de pronuncia- mentos judaicos e, portanto, passaram a calcular a data da Páscoa de outra forma: como Nosso Senhor Jesus Cristo ressuscitou no primeiro domingo após o Pessach, nós cele- braríamos a Páscoa no primeiro domingo após a lua cheia pascal, que, por sua vez, é a primeira lua cheia após o equi- nócio de primavera, que, se calculado no calendário, e não pela astronomia, cai no dia 21 de março. Decidiu-se então que a Páscoa haveria de ser celebrada sempre no primeiro domingo após a primeira lua cheia que coincida com o dia 21 de março, ou venha imediatamente depois dele. Assim, a Páscoa sempre cai entre os dias 22 de março e 25 de abril.
Quanto às demais festas, para calcular a data do Domingo de Ramos, por exemplo, retrocede-se uma semana da data da Páscoa; e para definir o início da quaresma, isto é, a Quarta-Feira de Cinzas, toma-se a data do Domingo de Ramos e se recua seis semanas (o primeiro domingo da Quaresma) e quatro dias (para cair em uma quarta-feira).
| Entrada de Jesus em Jerusalém, de Hippolyte Flandrin.
21

Para a celebração do Pessach, criou-se uma
recebeu o nome de Hagadá, que
incluía o
sequência
que
relato do Exo-

do, os cálices de vinho, e o charosset (pasta doce). Todos
esses elementos do jantar deveriam estar principal
dispostos
na mesa
I em um prato especial chamado keará. A forma como desde o século VI a.C. os hebreus celebram o Pessach é praticamente igual até hoje. Inclusive, durante o período em que Nosso Senhor Jesus Cristo esteve entre nós, Ele celebrou exatamente desse modo. Podemos perceber isso a partir da leitura da Última Ceia, presente nos Evangelhos. Aliás, são muitos os símbolos presentes na Páscoa da Igreja que têm relação direta com o Pessach: Jesus como Cordeiro Santo imolado para a nossa salvação; a Eucaristia, ligada tanto ao pão sem fermento quanto ao cordeiro, pois ambos se tornam alimentos daqueles que compartilham da mesa; o Sangue de Jesus, ligado ao vinho do jantar e ao sangue do Êxodo, que fora aspergido nos umbrais das portas; e a
lista
segue.

OS QUATRO CÁLICES DA ÚLTIMA CEIA

O teólogo e escritor Scott Hahn, em sua obra O Quarto Cálice: Desvendando o Mistério da Última Ceia e da Cruz, nos mostra que os atos de Jesus na Última Ceia co- nectam a Páscoa da Igreja com os símbolos presentes no Pessach. O elemento que nos revela essa pro- funda conexão são os quatro cá-
lices presentes no seder, a liturgia do jantar de Pessach.

a todos
Antes do início da ceia é dada a bênção inicial, chamada de kidush. Nesse primeiro momento são feitas orações e servi- das ervas amargas, em seguida o cálice de vinho é passado os presentes. A segunda parte do seder se chama maguid. Nela ocorre o momento mais pedagógico da cele- bração, no qual é contada a história que Deus pede ao povo hebreu - e assim é feito até os dias de hoje. Este momento se inicia com a leitura do livro de Êxodo, capítulo 12. Vale ressaltar a beleza da participação das crianças nesta parte da liturgia, fazendo perguntas aos adultos cujas respostas completam a narrativa histórica. Após isso o Hallel é en- toado - cântico de louvor a Deus - e o segundo cálice de vinho é bebido.

Santa Ceia, de Leonardo Da Vinci.

A terceira parte é o ápice da liturgia antiga. Nela é servido o cordeiro assado, a matzá (pães ázimos) e o terceiro cálice, que recebe o nome de "Cálice da Bênção", representando respectivamente o cordeiro
que
foi imolado ainda no Egi-
to, a pressa que não permitiu a fermentação do pão, e o sangue que os livrou da morte. Mais salmos são entoados neste momento - preferencialmente os do 114 ao 118. Eé também deste exato momento o que é dito nos textos dos Evangelhos, quando Jesus levanta o "Cálice da Bênção" e diz "Isto é o meu sangue, o sangue da Nova Aliança, derra- mado em benefício de muitos, para remissão dos pecados" (Mt 26,28). São Paulo Apóstolo também escreve aos Co- ríntios, dizendo: "O cálice de bênção, que benzemos, não é a comunhão do sangue de Cristo? E o pão, que partimos, não é a comunhão do corpo de Cristo?" (I Cor 10,16).

O quarto cálice, chamado de "Cálice da Consumação", faz parte do momento final da celebração de Pessach, porém, como se lê no Evangelho de São Marcos, Jesus não chega a bebê-lo nem a servi-lo. Logo após dar a benção do terceiro cálice, Ele se retira e vai para o Getsêmani, acompanhado dos apóstolos Pedro, Tiago e João.
Segundo Scott Hahn, nessa passagem Jesus quer nos dizes que a celebração não se finalizaria na ceia entre os discípu- los, mas se estenderia até os acontecimentos na Cruz. Esta seria uma referência ao quarto cálice, o Cálice da Salvação, no qual Jesus se fez quando disse "Aba! Pai! Tudo é possí- vel: afasta de mim este cálice! Contudo, não se faça o que eu quero, senão o que tu queres" (Mc 14,36), e quando entregou o seu Espírito ao Pai dizendo na cruz: "Tudo está consumado" (Jo 19,30).
O Santo Graal, cálice usado por Nosso Senhor na Santa Ceti,
26

le Delft.
O PROBLEMA DO ESTRANGEIRO
As conexões entre o Pessach e a Páscoa da Igreja não param por aí. Há outro ponto que é de grande importância para se compreender essa questão. A Tora ou Pentateuco, os cin- co primeiros livros das Sagradas Escrituras, proíbe a parti- cipação de estrangeiros na celebração de Pessach, uma vez que traria juízo sobre aquele que fosse alheio às questões materiais e, principalmente, espirituais do evento. Se al- gum estrangeiro ou peregrino estivesse presente às vésperas de um jantar de Pessach na casa de uma família de Israel, ele teria que ser circuncidado para poder participar da ce- lebração (Ex 12,43-48).
Senhor, par
sendo de
Há uma profecia no Antigo Testamento que diz: "Porque o Senhor se compadecerá de Jacó, e ainda elegerá a Israel, e os porá na sua própria terra; e unir-se-ão a eles os estran- geiros, e estes se achegarão à casa de Jacó" (Is 14,1). Ainda debruçado sobre a mesma problemática, o profeta Isaías o maior profeta messianico das escrituras - em outro momento di Labs estrangeiros que se aproximam ao ene para amarem o nome do Senhor, sets sim, todos os que guardam anando, cabraçam a minha aliança, 10 niču santo monte e os alegrarei na minha Contade Oração; os seus holocaustos e os seus sa- crifícios serão aceitos no meu altar, porque a minha casa será chamada Casa de Oração para todos os povos. Assim diz o Senhor Deus, que congrega os dispersos de Israel: 'Ainda congregarei outros aos que já se acham reunidos."" (Is 56,6-8).
o sábado
tambein
Ou seja, o próprio Deus desejava aproximar e enxertar em seu povo outros povos, a fim de que temessem o seu nome e guardassem a sua aliança. Pois bem, isso aconteceu exata- mente na sua entrega na Cruz. Os gentios, que se tornaram servos do Deus altíssimo, mediante a obra do Messias na Cruz, não se tornaram judeus, mas passaram, a partir da sua conversão, a compor um corpo místico de Cristo ainda maior que o da antiga aliança: a Igreja. São Paulo explia ca esse princípio na carta aos Efésios quando diz: "Por- tanto, lembrai-vos de que, outrora, vós, gentios na carne, chamados incircuncisos (...), naquele tempo, estáveis sem Messias, separados da comunidade de Israel e estranhos às alianças da promessa (...) Mas, agora, em Jesus Cristo, vós, que antes estáveis longe, fostes aproximados pelo sangue do Messias. (...) E, vindo, evangelizou paz a vós outros que estáveis longe e paz também aos que estavam perto; porque, por ele, ambos temos acesso ao Pai em um Espírito. Assim, já não sois estrangeiros ou peregrinos, mas concidadãos dos

santos, e sois da família de Deus (...)" (Ef 2,11-19). E acrescenta ainda: "Os gentios são co-herdeiros, membros do mesmo corpo e co-participantes da promessa através de Jesus Cristo, por meio do evangelho." (Ef 3,6).

Portanto, não é mais a circuncisão que purifica os gentios, mas a obra de redenção de Jesus Cristo. Não somos, de forma alguma, estranhos ou estrangeiros. Somos todos filhos do Altíssimo. Jesus representa esses dois elementos na celebração da Páscoa: o nosso cordeiro Pascal e a nossa circuncisão espiritual. Ele morreu não para afastar ou criar barreiras, mas para aproximar Israel e gentios através da sua santa Igreja.

A antiga e a nova aliança convergem num mesmo ponto:

JESUS CRISTO.

ALMOÇÃO A VIA SACRA

Cristo carregando sua cruz pela Via Sacra.

30

Cena do filme A Paixão de Cristo.
A grande maioria de nós, fiéis, já está bem familiarizada com a Via Sacra - aquela piedosa devoção rezada especial- mente durante a Quaresma, em que seguimos os passos de Nosso Senhor Jesus Cristo do pretório de Pôncio Pilatos, onde foi condenado à morte, até o Calvário, onde morreu na Cruz por nós. Os que não conhecem a devoção, conhe- cem, sem dúvida, os quadros pendurados em quase todas as igrejas, marcados com numerais romanos de um a torze, às vezes quinze, nos quais se retratam os principais momentos da Paixão de Nosso Senhor. qua-
32
O que muitos talvez não saibam, entretanto, é
Sacra -
que a Via
- chamada por alguns de Via Dolorosa, nome que
- nem sempre teve o formato de recebeu no século XVI
hoje: muito mudou desde os dias de Jesus Cristo, e, ainda devoção pelo trajeto que Ele percorreu seja datado
que a
daquela época, o modo de venerá-la se alterou várias vezes.
Siga-me então, caro leitor, nesta jornada pela história, e compreenderemos, com a graça de Deus, o desenvolvi- mento de uma das devoções mais bonitas da Igreja.
O mais antigo relato que temos da Via Sacra chegou-nos pela tradição, segundo a qual um costume de Maria San- tíssima, após a morte e Ressurreição de Nosso Senhor, era visitar diariamente os locais da Paixão - a Virgem Santa caminhava por onde havia caminhado seu Filho, iniciando em seu túmulo e indo até a casa de Pôncio Pilatos, e me- ditava em seu coração cada passo, cada Jesus, e, assim como la o fazia, outros passaram a fazê-lo redentor de gesto também, caminado junto de Nossa Senhora, ou até por conta própria, quale trajeto que havia se tornado sagrado pelo Sangue decade do próprio Deus.

Estátua de Santa Helena, mãe do imperador Constantino, no Vaticano.

Mais tarde, após o decreto de liberdade religiosa promul-
gado em 313 d.C. pelo imperador I romano Constantino, o caminho entre a casa de Pilatos eo Calvário foi marca-
do nos locais em que os cristãos se reuniam para venerar São Jerônimo (342-420), que viveu a última parte de sua e rezar juntos, ainda que não houvesse orações prescritas. vida em Belém, é testemunha das multidões de peregrinos que se reuniam para visitar os locais santos por onde Jesus havia passado e, especialmente, para fazer o Caminho da Cruz em Jerusalém, acompanhando os últimos passos de
Nosso Senhor.
Já no século V, a Igreja percebia não só o desejo crescente dos fiéis de visitar os locais por onde Jesus havia passado, mas também a impossibilidade, para a maioria deles, de ir à Terra Santa. Então se iniciou o costume de reproduzir os locais sagrados em outras áreas, a fim de que os peregrinos que não pudessem visitá-los fisicamente o fizessem ao me- nos espiritualmente em suas terras. São Petrônio (m. ca. 450), por exemplo, então Bispo de Bolonha, mandou que fosse construído um grupo de capelas no monastério de Santo Estefano, cada qual representando um dos principais santuários da Terra Santa, incluindo várias das estações da Via Dolorosa; os fiéis poderiam visitá-las para meditar so bre as últimas horas da vida de Nosso Senhor Jesus Criste antes da crucificação e unir-se espiritualmente a Ele e ao peregrinos sem Jerusalém.
Monte Golgota, local da Crucificação de Jesus.
Quase mil anos depois, em 1342, a devo- que ainda não havia re-
1
ção à Via Sacra cebido na época esse nome - continuava crescendo. Os Franciscanos foram então designados como os guardiões oficiais dos santuários da Terra Santa, posto que man- têm até hoje. Também nessa época os fiéis passaram a receber indulgências ao rezarem em alguns pontos específicos do Caminho - o pretório de Pôncio Pilatos, onde Jesus foi condenado à morte; o local em que Jesus Cristo encontrou sua Mãe Santíssima no caminho para o Calvário; onde Ele falou às mulheres; onde foi despido pelos soldados; onde Ele se encontrou com Simão de Ci- rene; no local da Crucificação e no túmulo de Jesus.
Como os leitores podem perceber, esses locais indulgenciados são todos estações pectivamente: primei- da Via Sacrad ra, quarta primeira. ingles
ava, décima, décima quarta. Um peregrino visitou a Terra Santa duas vezes cerca de cem anos após o estabe- lecimento dessas indulgências, e descreveu o modo como os peregrinos percorriam as estações curiosamente, até então a maio- ria começava no túmulo de Jesus e percorria o caminho até Pilatos, como se suspeita que Nossa Senhora o fizesse em seu tempo. Na época de Wey, o costume estava mudando - e os peregrinos começavam a percorrer as estações como Nosso Senhor as havia per- corrido, isto é, na ordem cronológica.
34
35

+
Pedaço da Vera Cruz, Áustria.
Mais tarde, quando os muçulmanos impediram o acesso à Terra Santa, a prática de reproduzir as estações da Via Sacra se difundiu, em especial nos centros de devoção mais

populares, que atraíam o maior número de visitantes e pe- regrinos, como o convento dominicano em Córdoba e o convento das Clarissas em Messina (c. 1400); Nuremberg (1468); Louvain (1505), Bamberg, Friburgo e Res (1507) e Antuerpia (1520). Já em 1587, Jean Zuallar peregrino belga, conta que a repressão muçulmana aos tãos havia se intensificado, proibindo-se qualquer fiel parar, venerar ou realizar qualquer demonstração de pied de nas estações da Via Sacra, de tal modo que, na prática esta devoção acabou sendo totalmente suprimida na Terra Santa. Mas, como sabemos, a fé do povo de Deus floresce, e não fenece, quando perseguida: enquanto era suprimi- da no Oriente, a prática da Via Dolorosa se tornava ainda mais popular na Europa.

Quanto ao número de estações, não havia uma definição. Nos relatos de viagem de William Wey, que passou pela Terra Santa em 1458 e 1462, é registrada a existência de quatorze estações, das quais só cinco correspondem às nossas. E Cristiano Adrichomius (1533-1585), teólogo

36

romano, cita doze estações no livro Jerusalem Sicut Christi Tempore floruit, publicado em 1584, que correspondem exa- tamente às doze primeiras da devoção atual, o que alguns con- sideram, especialmente devido à extensa tradução e circulação de sua obra, um marco principal da origem do formato atual da Via Sacra. Ainda no mesmo século, uma série de livros devocionais entrou em circulação, especialmente nos Países Baixos, em que eram retratadas as quatorze estações da Via Sacra atual, com orações próprias para cada uma. Em 1686, o Papa Inocêncio XI, tendo percebido que, gra- ças à invasão dos muçulmanos, o número de pessoas que poderiam viajar para a Terra Santa havia reduzido drastica- mente, deu aos Franciscanos a permissão de erigir as esta- ções da Via Sacra em todas as suas igrejas, e, ao mesmo tem- po, permitiu que todo franciscano modo associado à Ordem - ou fiel leigo de algum

de

1

em frente a essas estações lucrasse as mesmas indulgências que rezasse o caminho da Cruz quem fizesse a peregrinação original. Em 1726, Bento XIII permitiu que todo e qualquer fiel pudesse lucrar as indulgências, mesmo aqueles que não tivessem qualquer ligação com a ordem de São Francisco. Cinco anos mais tarde, Clemente XII não só permitiu que as estações fos- sem construídas em todas as igrejas, como também fixou o número, definindo oficialmente as quatorze estações da Via Sacra que hoje conhecemos. Em 1742, o que era facul- tativo tornou-se quase obrigatório, dado que Bento XIV que toda igreja tivesse uma via sacra com quatorze estações e quatorze cruzes, e, de preferência, acompanhada por imagens ou pinturas de cada uma das estações - daí que a São Leonardo de Porto Maurício (1676-1751), san- to italiano e autor do famoso livro As Excelências da Santa Missa, seja atribuída a construção de mais de seiscentas

insistiu

Vias Sacras na Itália.

1. Cf. A Divina Eucaristia & As Excelências da Santa Missa. Minha Biblioteca Católica, Box 59, 2022.

São Leonardo de

São Porto Maurício.

Hoje em dia, o exercício piedoso da Via Sacra é enrique- cido com uma indulgência plenária, se for realizado em frente às estações físicas, movendo-se de uma para a outra de modo a acompanhar Nosso Senhor Jesus Cristo no ca- minho para o Calvário. Para lucrar a

indulgência, além das disposições normais (confissão sacramental, comunhão eu- carística, desapego de todo pecado e oração nas intenções do Sumo Pontífice), é necessário que se façam ao menos quatorze leituras piedosas, uma para cada estação, além de algumas orações vocais. Não há, entretanto, necessidade de meditar cada uma das estações, sendo obrigatório somen- te a meditação da Paixão e Morte de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Tudo isso - a história, os sofrimentos dos cristãos, os pro- nunciamentos pontificios, as indulgências, etc. - mostra- -nos a suma importância da Via Sacra na vida espiritual Papa Francisco, em 2016, dos fiéis da Igreja e, especialmente, para a nossa salvação. Como disse o Santo Padre, o na Polônia, "somente o Caminho da Cruz derrota o pecado, o mal e a morte, pois conduz à luz radiante da Ressurreição de Cristo e abre os horizontes de uma vida nova e plena. É o caminho da esperança, o caminho do futuro". O caminho da Cruz é a Via Sacra. Foi percorrido por Nosso Senhor Jesus nós. Assim como devemos unir-nos espiritual- Cristo por mente ao Cristo para que sejamos salvos, também devemos nos unir aos passos de Sua Paixão. A vida de todo cristão é, em última instância, uma participação na vida de Jesus, um caminho rumo ao Calvário, na esperança confiante e alegre da Ressurreição. E, se guardarmos em nossos cora- ções as estações da Via Sacra, certamente seremos também guardados em seu Sacratissimo Coração.

Jesus テゥ prepado nderu

MEDITAテ・髭S SOBRE A CRUCIFICAテ・グ E MORTE DE JESUS A PARTIR DAS VISテ髭S DA BEATA ANNA CATARINA EMERICH

JESUS テ・PREGADO NA CRUZ

Jesus, imagem viva da dor, foi estendido pelos carrascos so- bre a cruz; ele prテウprio se sentou sobre ela e eles brutamente o deitaram de costas. Colocaram-lhe a mテ」o direita sobre o orifテュcio do prego, no braテアo direito da cruz, e aテュ lhe amarra- ram o braテアo. Um deles se ajoelhou sobre o Seu santo peito, enquanto outro lhe segurava a mテ」o, que estava se contrain- do, e um terceiro colocou o cravo grosso e comprido, com a ponta limada, sobre essa mテ」o cheia de bテエnテアテ」o, e cravou- -a nela, com violentas pancadas de um martelo de ferro. Doces e claros gemidos ouviram-se da boca do Senhor; o sangue sagrado salpicou os braテアos dos carrascos; rasgaram-lhe os tendテオes da mテ」o, os quais foram arrastados, com o prego triangular, para dentro do estreito orifテュcio. Contei as marteladas, mas esqueci, na minha dor, esse nテコ- mero. A Santテュssima Virgem gemia baixinho e parecia estar sem sentidos exteriorient Madalena estava desvairada.

As brocas eram grandes peças de ferro, da forma de um T; não havia nelas nada de madeira. Também os pesados mar- relos eram, como os cabos, de ferro, e todos de uma peça inteiriça; tinham quase a forma dos martelos de pau que os marceneiros usam entre nós, trabalhando com formão.

Os cravos, cujo aspecto fizera tremer Jesus, eram de tal tamanho que seguros pelo punho, excediam em baixo e em cima cerca de uma polegada. Tinham cabeça chata, da largura de uma moeda de cobre, com uma elevação cônica no meio. Tinham três gumes; na parte superior tinham a grossura de um polegar pequeno; a ponta fora aguçada com uma lima;

cravados e na parte inferior a de um dedo na cruz, vi-lhes a ponta sair um pouco do outro lado dos braços da cruz.
Depois de terem pregado a mão direita de Nosso Senhor, viram os crucificadores que a mão esquerda, que também amarrado ao braço da cruz, não chegava até o orificio do cravo, que tinham perfurado a duas polegadas tinham distantes das pontas ao braço esquerdo do Salvador e, apoiando os pés sobre dos dedos. Por isso ataram uma corda a cruz, puxaram a toda força, até que a mão chegou ao orificio do cravo. Jesus dava gemidos tocantes; pois deslo- caram-lhe inteiramente os braços des articulações; os om- bros, violentamente distendidos, formavam grandes cavi- dades axilares, nos cotovelos se viam as junturas dos ossos. O peito levantou-se-lhe e as pernas encolheram-se sobre o corpo. Os algozes ajoelharam-se sobre os Seus braços e o peito, amarraram-lhe fortemente os braços e cravaram-lhe então cruelmente o segundo prego na mão esquerda; jor- rou alto o sangue e ouviram-se os agudos gemidos de Jesus, por entre as pancadas do pesado martelo. Os braços do Senhor estavam tão distendidos, que formavam uma linha reta e não cobriam mais os braços da cruz, que subiam em
42
linha oblíqua; ficava um espaço livre entre esses e as axilas
do Divino Mártir.
A Santíssima Virgem sentiu todas essas torturas com Jesus; palidez cadavérica e fracos gemidos saíam-
estava de uma
lhe da boca. Os fariseus dirigiram insultos e deboches para o lado onde ela estava; por isso os amigos conduziram-na para junto das outras santas mulheres, que estavam um pouco mais afastadas do lugar do suplício. Madalena es- tava como louca; feria o rosto de modo e olhos cheios de sangue.
que
tinha as faces
Havia na cruz, embaixo, talvez a um terço da respecti- va altura, uma peça de madeira, fixa por um prego mui- to grande, destinada a suportar os pés de Jesus, a fim de que ficasse mais em pé do que suspenso; de outro modo de ma- as mãos teriam sido rasgadas pelo peso do corpo e os pés não peça poderiam ser pregados sem quebrá-los. Nessa deira tinham perfurado o orifício para o cravo. Tinham também feito uma cavidade para os calcanhares, como também havia outras, em vários pontos da cruz, para que o Mártir pudesse ficar suspenso mais tempo e o peso do corpo não lhe rasgasse as mãos, fazendo-o cair.
para o
Todo o corpo de nosso Salvador tinha-se contraído alto da cruz, pela violenta extensão dos braços, e os Seus joelhos tinham-se dobrado. Os algozes lançaram-se en- tão sobre esses e, por meio de cordas, amarraram-nos ao tronco da cruz; mas pela posição errada dos orifícios dos de madeira que os cravos, os pés ficavam longe da peça devia suportar. Então começaram os algozes a praguejar e insultar. Alguns julgavam que se deviam furar outros ori- dos fícios para os pregos das mãos; pois mudar o suporte pés era difícil. Outros fizeram horrível troça de Jesus: "Ele não quer estender-se, disseram, mas nós lhe ajudaremos".
43

Atando cordas à perna direita, puxaram-na com horrível violência, até o pé tocar no suporte, e amarraram-na à cruz. Foi uma deslocação tão horrível, que se ouvia estalar o pei- to de Jesus, que gemia alto: "O meu Deus! Meu Deus!". Tinham-lhe amarrado também o peito e

os braços, para os pregos não rasgarem as mãos; o Seu ventre encolheu-se inteiramente, as costelas pareciam a ponto de destacar-se
do esterno. Foi uma tortura horrorosa.
Amarrram depois o pé esquerdo com a mesma brutal vio- lência, colocando-o sobre o pé direito, e como os pés não repousavam com bastante firmeza sobre o suporte, para se- rem pregados juntos, perfuraram primeiro o peito do pé esquerdo com um prego mais fino e de cabeça mais chata do que os cravos, como se fura a sola. Feito isso, tomaram o cravo mais comprido que o das mãos, o mais horrível de todos e, passando-o brutalmente pelo furo feito no pé esquerdo, atravessaram-lhe a marteladas o direito, cujos os- sos estalavam, até o cravo entrar no orifício do suporte e, através desse, no tronco da cruz. Olhando de lado a cruz, vi como o prego atravessou os dois pés.
Essa tortura era a mais dolorosa de todas, por causa da dis- tensão de todo o corpo. Contei 36 golpes de martelo, no meio dos gemidos claros e penetrantes do pobre Salvador; as vozes em redor, que proferiam insultos e imprecações, pareciam-me sombrias e sinistras.
A Santíssima Virgem tinha voltado ao lugar do suplício; a deslocação do corpo do Filho adorado, o som das mar- teladas e os gemidos de Jesus, causaram-lhe tão veemen- te dor e compaixão, que caiu novamente nos braços das companheiras, o que provocou um ajuntamento de povo. Então acorreram alguns fariseus a cavalo, insultando-as, e os amigos afastaram-na outra vez a alguma distância.
44
Durante a crucifixão e a elevação da cruz, que se lhe se- guiu, se ouviam, especialmente entre as mulheres, gritos de compaixão, como: "Por que a terra não traga esses mi- seráveis? Por que não cai fogo do céu, para os devorar?". A essas manifestações de amor respondiam os carrascos com insultos e escárnio. Os gemidos que a dor arrancava a Jesus, misturavam-se com contínua oração; recitava tre- chos dos salmos e dos profetas, cujas predições nessa hora em todo o caminho da cruz, até à morte, não ces- cumpria; sava de rezar assim e de cumprir as profecias. Ouvi e rezei com ele todas essas passagens e às vezes me lembro delas, quando rezo os salmos; mas fiquei tão acabrunhada com o martírio de meu Esposo celeste, que não sei mais juntá-las. Durante esse horrível suplício, vi Anjos chorando rem acima de Jesus.
aparece-

ɤ
46
O comandante da guarda romana fizera pregar
no alto da
estavam indignados porque os romanos se riam alto do tí- cruz a tábua, com o título que Pilatos escrevera. Os fariseus tulo "Rei dos judeus". Por isso voltaram alguns fariseus à cidade, depois de ter tomado medida para uma outra ins- crição, para pedir a Pilatos novamente outro título.
Enquanto Jesus era pregado à cruz, estavam ainda alguns homens a trabalhar na escavação em que a cruz devia ser colocada; pois era estreita a cova e a rocha muito dura.
Alguns dos algozes, em vez de dar a Jesus para beber o vi- nho aromático trazido pelas santas mulheres, beberam-no eles mesmos e ficaram embriagados; queimava-lhes as en- ficaram que tranhas e causava-lhes tanta dor nos intestinos desvairados; insultavam a Jesus, chamando-o de feiticei- ro, e enfureciam-se à vista da paciência do Divino Mestre; desceram várias vezes o Calvário, a correr, para beber leite de jumenta. Havia lá perto

algumas mulheres, que perten- ciam a um acampamento de peregrinos vindos para a festa da Páscoa, as quais tinham jumentas, cujo leite vendiam.
Pela posição do sol era cerca de doze horas e um quarto, quando Jesus foi crucificado. No momento em que eleva- ram a cruz, ouviu-se do Templo o soar de muitas trombe- tas: era a hora em que imolavam o cordeiro pascal.
ELEVAÇÃO DA CRUZ
Gruz
Depois de terem pregado Nosso Senhor à cruz, ataram cordas na parte superior da mesma, por meio de argolas, cordaram as cordas sobre o cavalete antes erigido no lado oposto e puxaram a cruz pelas cordas, de modo que a pade superior se lhe ergueu; alguns dirigiram-se com paus muni dos de ganchos, que fincaram cruz entrar na cova. Quando 0 e fizeram o pé da madeiro chegou à posição vertical, entrou na escavação com todo o peso e tocou no fundo com um terrível choque. A cruz tremeu do abalo e Jesus soltou um grito de dor; pelo peso vertical desceu-lhe o corpo, as Suas feridas alargaram-se, o sangue corria mais abundantemente e os ossOS deslocados entrechocaram-se. Os carrascos ainda sacudiram a cruz, para a pôr mais firme, e fincaram cinco cunhas na cova, em redor da cruz: uma na frente, uma no lado direito, outra à esquerda e duas atrás, onde o madeiro estava um pouco arredondado.

Foi uma impressão terrível e ao mesmo tempo comovedo- ra, quando, sob os gritos insultuosos dos carrascos e dos fariseus, como também de muitos homens do povo, mais afastados, a cruz se elevou, balançando, e entrou estreme- cendo na escavação; ouviram-se também vozes piedosas de compaixão, as vozes mais santas da terra: a da Mãe San- tíssima, de João, das amigas e de todos que tinham um coração puro, saudaram com expressão dolorosa o Verbo eterno, feito carne e elevado sobre a cruz. Estenderam as mãos ansiosamente como para o segurar quando o San- to dos santos, o Esposo de todas as aluris pregado vivo na cruz, foi elevado pelas mãos das furecidos. Quando, porém, o madeiro erguidorcon estrondo entoн na respectiva cova, houve um momento de silencio sole todo o mundo parecia experimentar tima sensação nov nunca até então sentida. O próprio inferno sentiu assus tado o choque do lenho sobre a rocha e levantou-se con- tra ele, redobrando nos seus instrumentos humanos o seu

furor e os insultos. Nas almas do purgatório e do limbo, purém, causou alegria e esperança: soava-lhes como o bater po triunfador às portas da Redenção. A santa Cruz estava pela primeira vez plantada no meio da terra, como aquela arvore da vida no Paraíso, e das chagas dilatadas do Cristo corriam quatro rios santos sobre a terra, para expiar a mal- dição que pesava sobre ela e para fertilizar e a tornar um paraíso do novo Adão.

Quando nosso Salvador foi elevado na cruz e os gritos de insulto foram interrompidos por alguns minutos de silen- cioso espanto, ouvia-se do Templo o som de muitas trom- betas, que anunciavam o começo da imolação do cordeiro pascal, do símbolo, interrompendo de um modo solene e significativo os gritos de furor e de dor, em redor do verda- deiro Cordeiro de Deus, imolado na cruz. Muitos corações endurecidos foram abalados e pensaram nas palavras do Precursor, João Batista: "Eis aí o Cordeiro de Deus, que tomou sobre si os pecados do mundo".

O lugar onde fora plantada a cruz estava elevado cerca de dois pés acima do terreno em redor. Quando a cruz ainda se achava fora da cova, estavam os pés de Jesus à altura de um homem, mas depois de introduzida na respectiva esca- vação, podiam os amigos chegar aos pés do Mestre, para os abraçar e beijar. Havia um caminho para essa eminência. O rosto de Jesus estava virado para nordeste.

49

OS CARRASCOS TIRAM
À SORTE AS VESTES DE JESUS

Os carrascos juntaram as vestes de Jesus no lugar onde ti- nham jazido os ladrões e fizeram delas vários lotes, para tirar à sorte. O manto era mais largo embaixo do que em cima e tinha várias pregas; sobre o peito estava dobrado e formava assim bolsos. Rasgaram-no em várias tiras, como também a longa veste branca, aberta no peito, onde havia correias para atá-la, e distribuíram-nas pelos lotes; assim fi- zeram também várias partes da faixa de pano que vestia em volta do pescoço, do cinto, do escapulário e do pano com que cobria o corpo; todas essas vestes estavam ensopadas do sangue de Nosso Senhor. Como, porém, não chegaram a um acordo a respeito da túnica inconsútil, que, rasga- da em partes, não serviria mais para nada, tomaram uma tabuleta com algarismos e dados em forma de pedrinhas, com marcas, que trouxeram consigo, e jogando esses da- dos, tiraram à sorte a túnica. Viu-lhes, porém, um mensa- geiro de Nicodemos e José de Arimateia, dizendo-lhes que ao pé do Calvário havia quem quisesse comprar as vestes de Jesus; juntaram então depressa todas as vestes, e corren- do baixo, venderam-nas; assim ficaram essas relíquias com os cristãos.

para

Os carrascos tiram à sorte as vestes de Jesus

PRIMEIRA PALAVRA DE JESUS NA CRUZ

ainda Depois de crucificar os ladrões e de repartir as vestes do Senhor, juntaram os verdugos todos os instrumentos e ferramentas e, insultando e escarnecendo mais uma vez a Jesus, foram-se embora. Também os fariseus, que estavam, montaram nos cavalos e passando diante de Je- sus, dirigiram-lhe muitas palavras insultuosas e seguiram para a cidade. Os cem soldados romanos, com os respec- tivos comandantes, puseram-se também em marcha, pois veio outro destacamento, de cinquenta soldados romanos, lugar. Esse destacamento era comandado ocupar les o por nadar, árabe de nascimento, que mais tarde, no bio, recebeu o nome de Ctesifon. O oficial subalterno questava com essa tropa chamava-se Cassius; era também
nitas vezes encarregado por Pilatos de levar mensagens; recebeu depois o nome de Longinus. Vieram também a cavalo doze escribas e alguns anciãos do povo, entre os quais os que foram pedir mais uma vez outra inscrição para o título da cruz. Pilatos nem os tinha deixado entrar.

SI

Cheios de raiva, andaram a cavalo em roda do lugar do suplício e expulsaram dali a Santíssima Virgem, chaman- do-a de mulher perdida. João levou-a para junto das outras mulheres, que estavam mais afastadas; Madalena e Marta
ampararam-na nos braços.

Quando, fazendo a volta da cruz, chegaram diante de Jesus, menearam a cabeça, dizendo: "Arre! Impostor! Como é que destróis o Templo e o reedificas em três dias? Queria sempre

socorrer os outros e agora não se pode salvar a si mesmo. Se és o Filho de Deus, desce da cruz. Se é o rei de Israel, então desça da cruz e creremos nele. Sempre confiava em Deus, Ele venha salvá-lo agora". Os soldados também zomba- vam, dizendo: “Se és o rei dos judeus, salva-te agora".
que
Quando Jesus ainda pendia desmaiado, disse Gesmas, o la- drão à esquerda: "O demônio abandonou-o". Um soldado fincou então uma esponja embebida em vinagre sobre a ponta de uma vara e chegou-a aos lábios de Jesus, que pareceu chu- par um pouco. As zombarias continuavam. O soldado disse: "Se és o rei dos judeus, salva-te". Tudo isso se deu enquanto o destacamento anterior era substituído pelo de Abenadar.
Jesus levantou um pouco a cabeça e discare Men Pai, per- doai-lhes, porque não sabem o que nuou a rezar em silêncio. Então Cristo, salva-te a ti e a nós
conti-
mas Dimas, o ladrão da diretta comovido, ouvindo Jesus rezar pelos inimigos. Quando Maria ouviu a voz de seu Filho, ninguém mais pôde rete-la: penetrou no círculo do suplício; João, Salomé e Maria, filha de Cleofas, segui- ram-na. O centurião não as expulsou.
Dimas, o bom ladrão, obteve pela oração de Jesus uma ilu- minação interior, no momento em que a Santíssima Virgem
52
que o
se aproximou. Reconheceu em Jesus e em Maria as pessoas tinham curado quando era criança, e exclamou em voz forte distinta: "O quê? É possível que insulteis àquele que reza por vós? Ele se cala, sofre com paciência, reza por vós e vós o cobris de escárnio? Ele é um profeta, é nosso rei, é o Filho de Deus". A essa inesperada repreensão da boca de um miserável assassino, suspenso na cruz, deu-se um tumulto entre os escarnecedores; apanhando pedras, qui- apedrejá-lo ali mesmo. Mas o centurião Abenadar não permitiu; mandou dispersá-los e restabeleceu a ordem. Durante esse tempo a Santíssima Virgem se sentia confor- "Se és o Cristo, salva-te a ti e tada pela oração de Jesus. Dimas, porém, disse a Gesmas, que estava gritando a Jesus -
seram
a nós": "Também tu não temes a Deus, apesar de sofreres o mesmo suplício que ele? Quanto a nós, é muito justo, pois recebemos o castigo de nossos crimes; este, porém, não fez mal algum. Pensa nisto, nesta última hora e converte-te de coração". Essas palavras e outras mais disse a Gesma, pois estava todo comovido e iluminado pela graça; confessou suas faltas a Jesus e disse: "Senhor, se me condenardes, será muito justne mutas tende misericórdia de mim". Respondeu Jesus: 1
ceber
arres
taras a minha misericórdia". Dimas re- quarto de hora, a graça de um profundo
Tudo que acabo de contar agora, se deu pela maior
parte
ao mesmo tempo ou sucessivamente, entre as doze horas e doze e meia, pelo sol, alguns minutos depois da exaltação da cruz. Mas daí a pouco mudaram rapidamente os senti- que se deu mentos nos corações da maior parte dos assistentes; pois enquanto o bom ladrão ainda estava falando, eis na natureza um fenômeno extraordinário, que encheu de pavor todos os corações.
53

Eclipse do sol.
ECLIPSE DO SOL
JESYS
NAZARBAN REX VUSIORUM
SEGUNDA E TERCEIRA PALAVRA DE JESUS NA CRUZ
Até pelas 10 horas, quando Pilatos pronunciou a sentença, caíra várias vezes chuva de granizo; depois, até às 12 horas, o céu estava claro e havia sol; mas depois do meio dia, apareceu uma neblina vermelha, sombria, diante do sol. Pela hora sexta, porém, ou tal como vi pelo sol, mais ou menos às doze e meia, - a maneira dos judeus de contar as horas é diferente da nossa houve um eclipse milagroso do sol. Vi como isso se deu, mas infelizmente não pude guardá-lo na memória e não tenho palavras para o expri- mir. A princípio fui transportada como que para fora da
terra; vi muitas divisões no firmamento e os caminhos dos astros, que se cruzavam de modo maravilhoso. Vi a lua do outro lado da terra; vi-a voar rapidamente ou dar um salto, como um globo de fogo; depois me achei novamente em Jerusalém e vi a lua aparecer sobre o monte das Oliveiras,
54
- o sol estava velado pelo nevoeiro e ela rapidamente do oriente, para se colocar diante cheia e pálida,
se moveu
do sol. No começo vi, no lado oriental do sol, uma lis- ta escura, que tomou em pouco tempo a forma de uma montanha, cobrindo-o depois inteiramente. O disco do sol parecia cinzento escuro, rodeado de um cír-culo vermelho, como uma argola de ferro em brasa. O céu tornou-se escu- ro; as estrelas tinham um brilho vermelho. Um pavor geral apoderou-se dos homens e dos animais, o gado fugiu mu- gindo,
, as aves procuravam um esconderijo e caíam em ban- dos sobre as colinas em redor do Calvário; podiam-se apa- nhá-los com as mãos. Os zombadores começaram a calar-se; os fariseus tentavam explicar tudo como fenômeno natural, mas não conseguiram acalmar o povo e eles mesmos ficaram interiormente apavorados. Todo o mundo olhava para o céu; muitos batiam no peito, e torcendo as mãos exclamavam: "Que o seu sangue caia sobre os seus assassinos". Muitos, de perto e de longe, caíram de joelhos, pedindo perdão a Jesus, que no meio das dores volvia os olhos para eles.
A escuridão aumentava, todos olhavam para o céu e o Cal- vário estava deserto; ali permaneciam apenas a Mãe de Jesus e os mais íntimos amigos; Dimas, que estivera mergulhado em profundo arrependimento, levantou com humilde es- perança o rosto parz. o Salvador e disse: "Senhor, fazei-me entrar num lugar onde me possais salvar; lembrai-vos de mim, quando estiverdes no vosso reino". Jesus respondeu- -lhe: "Em verdade te digo: hoje estarás comigo no Paraíso". A Mãe de Jesus, Madalena, Maria de Cleofas, Maria Heli e João estavam entre as cruzes dos ladrões, em redor da cruz de Jesus, olhando para Nosso Senhor. A Santíssima Virgem, em seu amor de mãe, suplicava interiormente a Jesus que a deixasse morrer com ele. Então olhou o Senhor com inefável ternura para a Mãe querida e, volvendo os olhos para João, disse a Maria: "Mulher, eis aí o teu filho;
55

será mais teu filho do que se tivesse nascido de ti". Elo- giou ainda João, dizendo: "Ele teve sempre uma fé sincera e nunca se escandalizou, a não ser quando a mãe quis que fosse elevado acima dos outros". A João, porém, disse: "Eis aí tua Mãe!". João abraçou com muito respeito, como um filho piedoso, a Mãe de Jesus, que se tinha tornado também sua

Mãe, sob a cruz do Redentor moribundo. A Santíssi- ma Virgem ficou tão abalada de dor, pós essas solenes dis- posições do Filho moribundo, que, caindo nos braços das santas mulheres, perdeu os sentidos exteriormente; leva- ram-na para o aterro em frente à cruz, onde a sentaram por algum tempo e depois a conduziram para fora do círculo, para junto das outras amigas. Não sei se Jesus pronunciou alto todas essas palavras; percebi-as interiormente, quando, antes de morrer, entregou Maria Santíssima, como Mãe, ao Apóstolo querido, e este, como filho, à sua Mãe. Em tais contemplações se percebem muitas coisas, que não foram escritas; é pouco apenas o que pode exprimir a língua hu- mana. O que lá é tão claro, que se julga compreender por si mesmo, não se sabe explicar com palavras. Assim não é de admirar que Jesus, dirigindo-se à Santíssima Virgem, não dissesse: "Mãe", mas "mulher"; pois que ela ali estava na sua dignidade de mulher que devia esmagar a cabeça serpente, naquela hora em que aquela promessa se re- alizava, pelo sacrifício do Filho do Homem, seu próprio filho. Não era de admirar lá que Jesus desse João por àquela a quem o Anjo saudava: "Ave Maria, cheia de graça", filho porque o nome de João significa "graça", pois todos são o que os respectivos nomes significam e João tornara-se Silho de Deus e Jesus Cristo vivia nele. Percebia-se que Jesus, naquele momento, dava com aquelas palavras una mãe, Maria, a todos sque, como João, o recebem e, crendo nele, se tornam filhos de Deus, que não foram nascidos do san- gue, nem da vontade da carne, nem da vontade do homem,
da
mas do próprio Deus. Sentia-se que a mais pura, a mais
56
humilde,
a mais obediente de todas as mulheres, que se
tornara a Mãe do Verbo feito carne, respondendo ao Anjo: "Eis aqui a serva do senhor, faça-se em mim segundo a vossa palavra!", agora, ouvindo do Filho moribundo que se devia tornar Mãe espiritual de outro filho, dizia, obediente e humilde, as mesmas palavras, no íntimo do coração, la- cerado das dores da separação: "Eis aqui a serva do Senhor, faça-se em mim segundo a vossa palavra", aceitando assim por filhos todos os filhos de Deus, todos os irmãos de Jesus. Tudo isso parece lá tão simples e necessário, mas aqui é tão diferente, que é mais fácil senti-lo, pela graça de Deus, do que o exprimir em palavras. Maria e São João aos pés da cruz.
57

ESTADO DA CIDADE E DO TEMPLO DURANTE O ECLIPSE DO SOL

Eram mais ou menos duas horas e meia, quando fui con- duzida à cidade, para ver o que lá se passava. Encontrei-a cheia de pavor e consternação; as ruas em trevas, cobertas de nevoeiro; os homens erravam aqui e ali, às apalpadelas; muitos estavam prostrados por terra, nos cantos, com a cabeça coberta, batendo no peito; outros olhavam para o céu ou estavam sobre os telhados, lamentando-se. Os ani- mais mugiam e escondiam-se, os pássaros voavam baixo e caíam. Vi que Pilatos fizera uma visita a Herodes, de ma- nhá, assistira à humilhação de que Jesus fora alvo. "Isto não é natural", disseram, "excederam-se nos maus tratos ao Nazareno". Vi-os depois irem juntos ao palácio de Pilatos, atravessando o fórum; ambos estavam muito assustados, indo a passos apressados e cercados de soldados. Pilatos não ousou olhar para o lado do Gábata, o tribunal de onde tinha pronunciado a sentença contra Jesus. O fórum estava deserto; aqui e acolá alguns homens voltavam apressada- mente para casa, outros passavam chorando.

Juntavam-se também alguns grupos de povo nas praças pú- blicas. Pilatos mandou chamar os anciãos do povo ao cio e perguntou-lhes o que significavam aquelas trevas; dis- palá-se-lhes s que as tomava por um sinal de desgraça iminente; o Deus dos judeus parecia estar irado porque haviam exigido
à força a morte do Galileu, que certamente era preta e rei dos judeus; enquanto a ele, Pilatos, não tinha culpa lavara
as mãos, etc.
58
Os judeus, porém, ficaram endurecidos, queriam expli- car tudo como fenômeno comum e não se converteram. Converteu-se, contudo, muita gente, entre outros também todos os soldados que, na véspera, tinham caído por ter- ra e se levantado, quando prenderam Jesus no monte das
Oliveiras.
No entanto, juntou-se uma multidão de povo diante do palácio de Pilatos e onde de manhã tinham gritado: "Cru- cifica-o! Crucifica-o", gritavam agora: "Fora o juiz injusto! Que o sangue do Crucificado caia sobre os seus assassinos!". Pilatos viu-se obrigado a rodear-se de guardas. Zodoc, que, de manhã, quando Jesus fora conduzido ao pretório, lhe proclamara alto a inocência, agitou-se e falou com tal ve- emência diante do palácio, que Pilatos esteve a ponto de mandá-lo prender. Pilatos, o miserável desalmado, atribuiu toda a culpa aos judeus: disse que não tinha nada com isso, que Jesus era o rei, o profeta, o Santo dos judeus, a quem estes tinham levado à morte e nada tinha com ele, nem lhe cabia culpa; os próprios judeus é que lhe tinham exigido a
morte, etc.
Sacerdotes do templo após o eclipse do sol.

60
pente a escuridão. Tudo estava em confusão e aqui e ali pados na imolação do cordeiro pascal, quando veio de re- No Templo reinava extremo susto e terror. Estavam ocu- fizeram tudo para conservar a calma e a ordem: fizeram se ouviam gritos angustiosos. Os príncipes dos sacerdotes confusão crescia cada vez mais. Vi Anás preso de susto e acender todas as lâmpadas, apesar de ser meio dia, mas a do tornei a sair da cidade, ouvi as grades das janelas das terror; corria de um canto a outro, para se esconder. Quan- cada vez mais. Na parte exterior da cidade, ao noroeste, casas tremerem, sem haver tempestade. A escuridão crescia perto do muro, onde havia muitos jardins e sepulturas, de-
sabaram algumas entradas de sepulcros,
um tremor de terra.
Situação do templo apos o eclipse do sol Obra de Gustave Doré
como se houvesse
Cristo, por Salvador Dalí.
ABANDONO DE JESUS. A QUARTA PALAVRA DE JESUS NA CRUZ
Sobre o Golgota fizeram as trevas uma impressão terrível. A horrorosa fúria dos verdugos, os gritos e imprecações na elevação da cruz, os uivos dos ladrões ao serem amarrados ao madeiro, os insultos dos fariseus a cavalo, o revezar dos soldados, a barulhenta partida dos algozes embriagados, tudo isso diminuiria a princípio um pouco o efeito das trevas Secuitam-se depois as repreensões do ladrão peni- rentemas e a raiva dos fariseus contra ele. Mas à me- I did rescia a escuridão, tornavam-se mais pensativos ndores, afastando-se da cruz. Foi então que Jesus endou sua Mãe a João e que Maria foi conduzida uma distância do lugar do suplício. Houve um mo- unto de solene silêncio; o povo estava

assustado com as olhava para o céu; em muitos corações parte trevas; a maior se levantou a voz da consciência; muitos se arrependeram e,

olhando para a cruz, bateram no peito; pouco a pouco se formaram grupos de pessoas que sentiam essas mesmas im- explicar tudo pelas leis naturais, mas baixavam cada vez pressões. Os fariseus, ocultando o terror, ainda procuravam mais a voz e afinal quase não ousavam mais falar; de vez em quando ainda proferiam uma palavra insolente, mas soava um tanto forçada. O disco do sol estava meio escuro, como uma montanha ao luar; estava rodeado de um anel vermelho. As estrelas tinham um brilho rubro; os pássa- ros caíam sobre o Calvário e nas vinhas vizinhas entre os homens, e deixavam-se pegar com a mão; os animais dos arredores mugiam e tremiam; os cavalos e jumentos dos fariseus apertavam-se uns de encontro aos outros, baixan- do as cabeças. O nevoeiro úmido envolvia tudo.
recitando versos de salmos
Em redor da cruz reinava silêncio; todos se tinham afas- tado, muitos fugiram para a cidade. O Salvador, naquele infinito martírio, mergulhado no mais profundo abando- no, dirigindo-se ao Pai Celestial, rezava pelos inimigos, impelido pelo amor. Rezava, como durante toda a Paixão, que nele se cumpriram. Vi figu- ras de Anjos em redor dele. Quando, porém, a escuridão cresceu e o terror pesava sobre todas as consciências e todo o povo estava em sombrio silêncio, ficou Jesus abandonado de todos e privado de toda a consolação. Sofria tudo quan- to sofre um pobre homem, aflito e esmagado pelo absoluto abandono, sem consolação divina ou humana, quando a fé, a esperança e a caridade, privadas de iluminação e con- solo, de visível assistência, ficam sozinhas no deserto da provação, vivendo de si mesmas, em um infinito martírio. Tal sofrimento não se pode exprimir. Nessa tortura mo- ral, Jesus nos alcançou a força de resistirmos na extrema miséria do abandono, quando se rompem todos os laços e relações com a existência e a vida terrena, com o mundo e a natureza em que vivemos, quando se desfazem também

merecimentos do abandono de Jesus na as perspectivas que esta vida em si nos abre, para outra existência; nessa provação venceremos, se unirmos nosso
abandono com os
cruz. O Salvador conquistou-nos os méritos da perseveran- ça, na extrema luta do absoluto abandono, e ofereceu por
nós, pecadores,
a miséria, a pobreza, o martírio, o aban-
dono que sofreu na cruz, de modo que o homem, unido a Jesus no seio da Igreja, não deve mais desesperar na hora quando tudo se escurece e toda a luz e consolação
extrema,
acabam. Não temos mais de descer nesse deserto da noite interior, sozinhos e sem proteção. Jesus lançou no abismo desse mar de amargura o abandono exterior e interior que padeceu na cruz, e assim não mais deixou os cristãos de- samparados no abandono da morte, quando desaparece toda a consolação. Não há mais para o cristão nem deserto, nem solidão, nem abandono, nem desespero, na hora da morte, no último combate; pois o Salvador, a luz, o cami- nho e verdade, também andou por esse caminho tenebro- -so, derramando bênçãos e vencendo todos os terrores, e erigiu sua cruz também nesse deserto.

Jesus, inteiramente desamparado e abandonado, ofereceu- se ofereceu, com toda se como faz o amor, a si mesmo por nós, fez até do aban- dono um riquíssimo tesouro; pois sua vida, seus trabalhos, amor e sofrimento e a dolorosa fraqueza e pobreza. Fez testamento diante de Deus e ofe- receu todos os seus merecimentos à Igreja e aos pecadores. Pensou em todos; naquele abandono estava com todos, até o fim dos séculos; e assim rezou também por aqueles he- sendo Deus, não sentiu as dores da afirmam que reges que Paixão e não sofreu, ou sofreu menos do que um homem comum em igual martírio. Participando dessa oração e sen- tindo com ele as angústias, parecia-me ouvi-lo dizer, que "se devia ensinar o contrário, isto é, que Ele sentiu esse sofrimento do abandono com mais amargura do que um

INRI

homem comum, porque estava intimamente unido à Di- vindade, porque era verdadeiro Deus e verdadeiro homem e no sentimento da humanidade, abandonado bebeu, como Deus-Homem, até o fundo o cálice do abandono completo". por Deus,

E testemunhou por um grito a dor do abandono, dando assim a todos os aflitos, que reconhecem a Deus por Pai, a liberdade de uma queixa cheia de confiança filial. Pe- las três horas, Jesus exclamou em alta voz: "Eli, Eli, lama Sabachtani!", o que quer dizer: "Meu Deus, meu Deus, por que me abandonastes?".

Quando esse grito de Nosso Senhor interrompeu o angustio- so silêncio que reinava em redor da cruz, os escarnecedores se voltaram novamente para ele e um deles disse: "Ele está chamando Elias", e outro: "Vamos ver se Elias vem ajudá- lo a descer da cruz".

Quando, porém, Maria ouviu a voz do Filho, nada mais pôde retê-la; voltou para junto da cruz, se- guida por João, Maria, filha de Cléofas, Madalena e Salomé.

Enquanto o povo tremia e gemia, vinha passando perto um grupo de cerca de trinta homens a cavalo, notáveis da Judeia e da região de Jope, que tinham vindo para a festa;

e quando viram Jesus tão horrivelmente tratado e os sinais

ameaçadores que se mostravam na natureza, exprimiram em alta voz o horror que sentiam, exclamando: "Ai! desta cidade abominável! Se nela não estivesse o Templo, devia-se destruí- la a fogo, por ter se tornado culpada de tanta iniquidade".

As palavras desses distintos estrangeiros foram como um ponto de apoio para o povo, que rompeu em murmuração e altos lamentos; os que tinham os mesmo sentimentos, juntaram-se em grupos. Todos os presentes formaram dois partidos: uns murmuravam e lamentavam-se, outros pro- feriam insultos e imprecações. Os fariseus, porém, ficavam povo, cada vez menos arrogantes; temendo um levante do também o povo de Jerusalém estava sobressaltado, porque aconselharam-se com o centurião Abenadar; deram-se or- dava da cidade fechar a porta que para o Calvá- para rio, cortando assim toda a comunicação; mandaram tam- bém um mensageiro a Pilatos, para pedir 500 soldados, e também a guarda real de Herodes, para impedir uma insur- reição. No cotanto conseguiu o centurião Abenadar, pela energia, rexabelecer a ordem e calma, proibindo qualquer insulto a Jesus, para não irritar o povo.

dens

Logo depois das três horas, o céu começou a esclarecer-se; a lua afastou-se gradualmente do sol, para o lado oposto àquele de que viera. O sol reapareceu, sem brilho, ainda vedado pelo nevoeiro vermelho e a lua ia descendo rapida- mente para o outro lado, como se caísse. Pouco a pouco o sol readquiriu mais claridade e as estrelas desapareceram; contudo o dia ainda permanecia sombrio. À medida que reaparecia a luz, tornavam-se os

inimigos escarnecedores mais arrogantes; foi nessa ocasião que disseram: "Ele está chamando Elias". Abenadar, porém, impôs-lhes silêncio e
manteve a ordem.
65

Jesus sendo retirado da cruz.
QUINTA, SEXTA E SETIMA PALA RAS DE JESUS NA URUZ. MORTE DE JESUS.
66
Quando a luz voltou, surgiu o corpo de Nosso Senhor, pá- lido, extenuado, como que inteiramente desfalecido, mais branco do que antes, por causa da grande perda de sangue. percebi só interiormente ou Jesus disse ainda, não sei se o se ele o disse a meia voz: "Sou espremido como as uvas, que foram pisadas aqui pela primeira vez; devo dar todo meu sangue, até sair água, e o bagaço ficar branco; mas não se fará mais vinho neste lugar". Mais tarde, numa visão a respeito dessas palavras, vi que foi nesse lugar que Jafé pela primeira vez pisou as uvas para fazer vinho. Jesus consu- mia-se de sede e disse com a língua seca: "Tenho sede". E como os amigos o olhassem com tristeza, disse-lhes: "Não que du- me podíeis dar um gole de água?". Queria dizer rante a escuridão ninguém os teria impedido. João, muito incomodado, respondeu: "Senhor, esquecemo-lo mesmo". Jesus disse ainda algumas palavras, cujo sentido era: "Tam- bém os amigos mais intinos deviam esquecer-se e não me dar a beber, para que su dumprisse a Escritura". Mas esse esquecimento lhe deur theamente. Ofereceram então dinheiro aos soldados por the dar um pouco de água; eles recusaram, mis um deles i tomou uma esponja em forma de pera, embeben wiem vinagre, que havia lá em um pe- queno barril de casca de árvore, e ainda lhe misturou fel. Mas o centurião Abenadar, compadecido de Jesus, tomou a esponja do soldado, espremeu-a e embebeu-a de vinagre puro. Ajustou depois um lado da esponja num pedaço cur- to de uma haste de hissope, que servia de boquilha para chupar, fincou-a na ponta da lança e levantou-a à altura do rosto de Jesus, aproximando-lhe a esponja dos lábios.
Nosso Senhor ainda disse algumas palavras de exortação ao povo; lembro-me apenas que disse: "Quando minha voz não se fizer mais ouvir, falará a boca dos mortos"; ao que alguns gritaram: "Ainda continua blasfemando". Abenadar, porém, os mandou calar.
67
Tendo chegado a hora da agonia, Nosso Senhor lutou com Imorte e um suor frio cobriu-lhe os membros. João estaa sob a cruz e enxugou-lhe os pés com o sudário. Madale sob amagada pela dor, encostava-se à cruz no lado de trás. A Santíssima Virgem estava entre a cruz do bom ladrão e a de Jesus, amparada pelos braços de Maria de Cléofas e Salomé, olhando para o Filho, que lutava com a morte. Então disse Jesus: "Tudo está consumado!" e, levantando a cabeça, exclamou em alta voz: "Meu Pai, em vossas mãos entrego o meu espírito". Foi um grito doce e forte, que pe- netrou o Céu e a terra; depois inclinou a cabeça e expirou. Vi a alma de Jesus, em forma luminosa, entrar na terra, ao pé da cruz e descer ao Limbo. João e as santas mulheres prostraram-se com a face na terra.

O centurião Abenadar, árabe de nascimento, depois, como discípulo, batizado com o nome de Ctesifon, desde que oferecera o vinagre a Jesus, ficara a cavalo junto à elevação onde estavam erigidas as cruzes, de modo que o cavalo tinha as patas dianteiras mais no alto. Profundamente aba- lado, entregue a sérias reflexões, contemplava incessante- mente o semblante de Nosso Senhor, coroado de espinhos. O cavalo baixara assustado a cabeça e Abenadar, cujo or- gulho estava domado, não puxava mais as rédeas. Nesse momento

pronunciou o Senhor as últimas palavras em voz alta e forte e morreu dando um grito, que penetrou o Céu, a terra e o inferno. A terra tremeu e o rochedo fendeu-se, deixando uma larga abertura entre a cruz do Senhor e ado ladrão à esquerda. O testemunho que Deus deu lho, abalou com susto e terror a nature consumado! A alma de Nosso Senhor e ao grito de morte do Redentor moubin todos que o ouviram, junto de sen Fi ada. Estava se do corpo remeceram na teriques tremendo com reconheceu o Salvador; os corações amigos, porém, foram transpassados pela espada da dor. Foi então que a graça

desceu à alma de Abenadar; estremeceu emocionado, cede- ram-lhe as paixões e o seu coração orgulhoso e duro, fendeu- se como o rochedo do Calvário. Lançou longe de si a lança, bateu no peito com força e exclamou alto, com a voz de um homem novo: "Louvado seja Deus, Todo-Poderoso, o Deus de Abraão e Jacó! Este era um homem justo; em verdade, ele é o Filho de Deus!". E muitos dos soldados, tocados pela palavra do centurião, fizeram o mesmo. Abenadar, tornado novo homem, salvo pela graça e tendo rendido publicamen- te homenagem ao Filho de Deus, não quis ficar mais tempo servo dos inimigos de Cristo. Dirigiu -se a cavalo ao oficial subalterno, Cássio, também chamado Longinus, apeou-se, apanhou a lança e a ele entregou-a; disse algumas palavras aos soldados e a Cássio, que então montou o cavalo e tomou o comando. Abenadar desceu do Calvário e, atravessando o vale de Gihon, dirigiu-se às cavernas do vale de Hinom, onde estavam escondidos os discípulos; anunciou-lhes a morte do Senhor e voltou de lá à cidade, ao palácio de Pilatos.

Grande espanto apoderon-se dos assistentes, ante o gri- to de morte de lesepian amando a terra tremeu e o rochedo do Calvário natureza se terror fez-se sentir em toda a vovéu do Templo, muitos mor- irony repulturas, desabaram algumas paredes do tos sauon Templuz tanto muitos edifícios e desmoronaram montes em nueitas regiões da terra. Abenadar deu testemunho em alra voz, muitos soldados testemunharam com ele, grande parte do povo presente e também alguns dos fariseus, che- gados no fim, se converteram-se. Muitos bateram no peito e, descendo do monte, voltaram chorando pelo vale para casa; outros rasgaram as vestes e lançaram pó sobre a cabe- ça. Todo o mundo estava cheio de medo e terror.

João levantou-se e algumas das santas mulheres, que até então tinham ficado afastadas, aproximaram-se da cruz;

68

69

levantaram a Mác de Jesus e as amigas, conduziram-nas a
alguma distância da cruz, para as
O corpo de Cristo após a crucificação,
confortar,
Quando Jesus, cheio de amor, senhor de toda a vida, pa- gou pelos pecadores a dolorosa dívida da morte; quando entregou, como homem, a alma a Deus, seu Paí, e aban- donou o corpo, tomou esse santo vaso esmagado a fria e pálida cor da morte; o corpo tremeu-lhe convulsivamente nas últimas dores e tornou-se livido, e os vestígios do san- gue derramado das chagas ficaram mais escuros e distintos. O Seu rosto alongou-se, as faces

encolheram-se, o nariz ficou mais delgado e pontiagudo, o queixo caiu, os olhos, cheios de sangue e fechados, abriram-se, meio envidraçados. O Senhor levantou pela última vez e por poucos momen- tos a cabeça, coroada de espinhos, e deixou a depus tar sobre o peito, sob o peso dos sofrimentos. lívidos e contraídos entreabriram-se deixando ensanguentada. As mãos, antes fechadas sobre cravos, abriram-se; estenderam-se seus brac endureceram-se ao longo da cruzado o pesosie corpo desceu sobre os pés. Os seoelhos curvaram sert tornando para um lado, e os pés vitam-se um pouco em redor do prego que os trespassara

P

Então se esticaram as mãos da Mãe Dolorosa, a sua vista es- palidez de morte cobriu-lhe o rosto, os ouvidos deixaram de escutar, os pés vacilaram e ela caiu por terra; também Madalena, João e os outros se prostraram, com a cabeça velada, entregues à dor.

cureceu-se,

Quando ergueram a mais amorosa, a mais desolada das os olhos à cruz, ela viu o corpo do Filho

máes, dirigindo adorado, concebido na virgindade, por obra e graça do Es- pírito Santo, carne de sua carne, ossos de seus ossos, cora- ção de seu coração, vaso sagrado formado no seu seio pela virtude divina, agora privado de toda a beleza e formosura, separado da alma santíssima, entregue às leis da natureza que Ele próprio criara e de que os homens tinham abusado pelo pecado, desfigurando-a; viu o corpo do Filho Unigê- nito esmagado, maltratado, desfigurado, morto pelas mãos daqueles que viera salvar e vivificar. Ai! O vaso de toda beleza e verdade, de todo amor, pendia da cruz, entre dois assassinos, vazio, rejeitado, desprezado, insultado, seme- lhante a um leproso. Quem pode compreender toda a dor da Mãe de Jesus, rainha de todos os mártires?

A luz do sole sombria e nebulosa. O tremor de terra foi dado de calor sufocante; mas seguiu-se The depot frio sensível. O corpo de Nosso Senhor morto, se cruz, causava um sentimento de respeito e es- tranha comoção. Os ladrões pendiam em horríveis contor- ções, como embriagados. Ambos estavam, no fim, calados; Dimas rezava. Era pouco depois das três horas, quando Je- sus expirou. Passado o primeiro terror causado pelo tremor de terra, alguns dos fariseus recobraram a anterior arro- gância. Aproximando-se da fenda no rochedo do Calvá- rio, jogaram-lhe pedras, e atando várias cordas, amarraram uma pedra, fizeram-na entrar na fenda, para medir-lhe a profundidade; quando, porém, não tocaram no fundo,

parte

tornaram-se mais pensativos. Também se sentiam in- quietos com os lamentos do povo, que batia no peito; e tiam mudados interiormente. O povo também se retirou por isso, montando a cavalo, retiraram-se; alguns se sen- cidade, cheio de em pouco tempo, indo pelo vale para a medo e terror. Muitos se tinham convertido. Uma dos 50 soldados romanos foi reforçar a guarda da porta, até a chegada dos 500, requeridos a Pilatos. A porta tinha sido fechada; alguns soldados ocuparam outros pontos da vizinhança, para impedir ajuntamento e tumulto. Cássio (Longino) e cerca de cinco soldados ficaram no lugar do suplício. Os parentes de Jesus estavam em redor da cruz ou sentados em frente, chorando. Algumas santas mulhe- res tinham voltado à cidade. Silêncio e tristeza reinavam em volta do lenho sagrado. De longe, no vale e nas alturas afastadas, se via de vez em quando um ou outro discípulo, olhando com curiosidade e receio para a cruz, mas retiran- do-se timidamente, ao aproximar-se alguém.

Pietá,
de William Bouguereau.
A